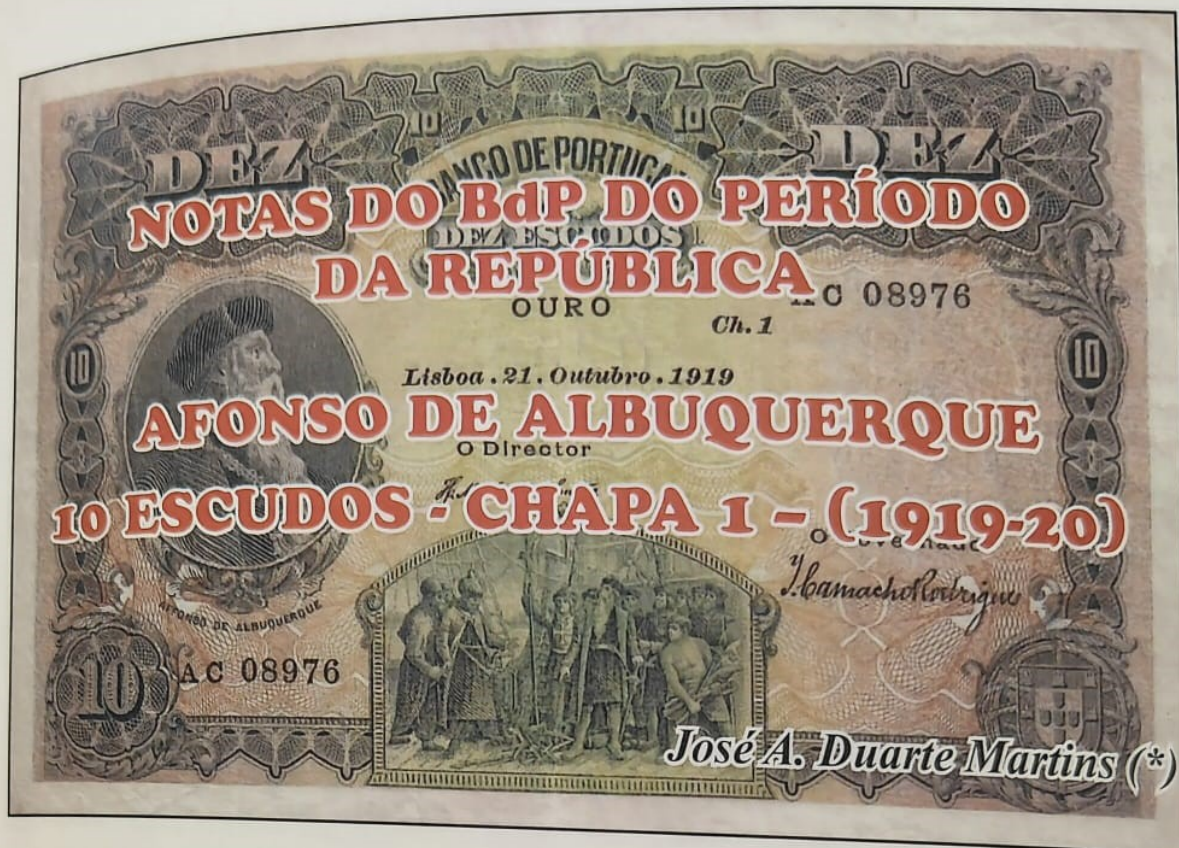


MOEDA

REVISTA PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA, MEDALHÍSTICA E NOTAFILIA
VOLUME LI - N.º 2 ABRIL/JUNHO 2026 - € 6,00 - Publicação Trimestral



MUNDIAL DE FUTEBOL FIFA 2026



A nota do Banco de Portugal (BdP) que proponho para este segundo artigo de 2026 da revista MOEDA revela-se na chapa 1 de 10 Escudos, com datas de 1919 e de 1920, como se pode observar na mancha de fundo do título do artigo.

Apesar de serem notas integradas numa mesma chapa, serão apresentadas e classificadas de forma inédita, demarcando as singularidades que existem na sua estrutura ao longo das duas datas, constituindo tipos bem individualizados, como se descreverá e refletirá no quadro que habitualmente se publica.

Tal como no primeiro artigo deste ano, esta chapa ilustra uma grande figura do século XV/XVI, que assumiu um papel relevante na criação e desenvolvimento do Estado da Índia Portuguesa; trata-se do marítimo, militar e administrador Afonso de Albuquerque (1453 - 1515), governador e '2º vice-rei' da Índia Portuguesa (1509 - 1515), cuja soberania permaneceu, na sua génese malabar, sob domínio e administração de Portugal durante séculos, mantendo-se ainda que mais reduzida ao núcleo de Goa,

Damão e Diu até ao início da década de 60 do século XX.

A escolha desta nota estriba-se numa lógica assente na precedência histórica da nota do artigo da revista anterior (chapa 9 de 500 Escudos, datada de 1958) dominada pela figura do '1º vice-rei' D. Francisco de Almeida (1505 - 1509), a personalidade que lançou os alicerces do que seria o futuro 'Estado da Índia Portuguesa', como os leitores tiveram a oportunidade perfolhear.

Assim sendo, tal como se abordou na introdução do texto sobre a chapa anterior, para lá do interesse notafílico (e de atualidade, como aludi no 'Remate Final' do artigo precedente), acresce o facto da sua iconografia remeter o leitor para a História de Portugal da fase heroica da expansão dos Descobrimentos na transição do século XV para o XVI, marcando o início da fixação e consolidação portuguesa no Oriente.

Será ainda criado um novo capítulo assente na lógica de elasticidade do guião, revisitando, ainda que brevemente, 'outras notas' emitidas pelo BdP e pelo BNU, onde a presença de Afonso de Albuquerque se

contempla.

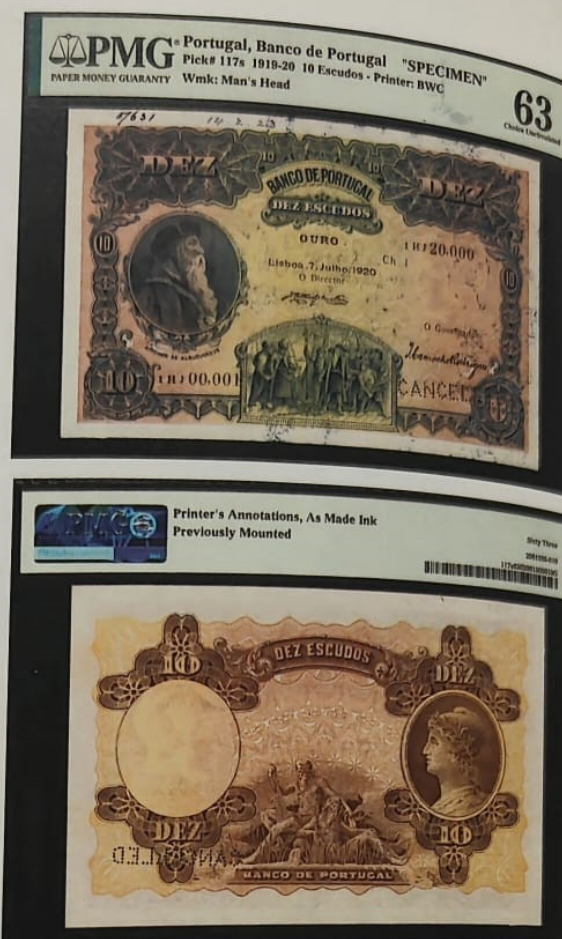
Por agora, como é mister, segue-se uma Sinopse biográfica harmonizada no tempo e na obra de vulto desta figura dominante da chapa 1 de 10 Escudos emitida pelo Banco de Portugal.



Obverso e verso de um raro 'Espécime do Banco de Portugal' da nota de 10 Escudos, chapa 1, datada de 1919; apresenta, no obverso, o duplo registo de série/numeração típico nestes casos, 'B 00000', mas sem número de ordem do exemplar; apresenta três inscrições a picotado 'SPECIMEN', duas na vertical junto a cada um dos lados menores e uma na zona inferior central da mancha, que no verso se observam naturalmente em modo inverso (a fonte da imagem deste Espécime do BdP tem origem na do exemplar que integra o Livro 'O PAPEL-MOEDA EM PORTUGAL', Volume II (1997), Edição e Distribuição do Banco de Portugal)

Sinopse biográfica de Afonso de Albuquerque

Afonso de Albuquerque, militar, marinheiro, conquistador, diplomata e administrador português ficaria eternizado pela visão, sa-



Obverso e verso de um raro 'Espécime de Assinatura (Diretor José da Paixão Castanheira das Neves) para os 20 mil exemplares [00,001 a 20,000] da série '1HJ, de 1920; ['CANCELLED' (a picotado)] com anotações operacionais manuscritas na margem superior; Certificação PMG63 – Choice Uncirculated (imagens cedidas por cortesia do colecionador João Vedor)

gacidade e eloquência desempenhadas no Oriente; a sua presença era de tal modo impressionante que lhe valeu uma série de epítetos marcantes, que descreverei em espaço próprio. Tal como D. Francisco de Almeida. Afonso de Albuquerque serviria três reis (D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I).

Supõe-se, por tradição, algo discutível, ter nascido em Alhandra (Vila Franca de Xira) junto ao Tejo numa quinta de nome 'Paraíso' lá por meados do século XV (ca. 1452); porém, ao tempo, a referida quinta não seria residência, tão pouco pertença, dos seus progenitores... eventualmente, o berço poderá ter acontecido em Vila Verde dos Francos (Alenquer) ou em Atouguia da



Painel de um fresco alegórico alusivo ao Governador e II vice-rei da Índia Portuguesa, instalado numa das salas de audiência do Palácio de Justiça de Vila Franca de Xira; a obra foi executada em 1964 pelo pintor, aguarelista, ilustrador e especialista em assuntos náuticos, entre outros saberes, Jaime Martins Barata (1899-1970); natural de Marvão, foi durante décadas consultor artístico dos CTT, desenhando dezenas de emissões de selos, além várias incursões na numismática (Casa da Moeda), na medalhística militar e na notafilia (Banco de Angola); era um pintor notável em temas históricos e obras de grande dimensão, como a que aqui se ilustra; para lá da figura de Afonso de Albuquerque, incluiu vários motivos ornamentais, transmitindo beleza e informação histórica sobre o génio que contribuiu decisivamente para a expansão portuguesa no Oriente e que é suposto ter nascido na Quinta do Paraíso daquele concelho ribatejano vizinho de Lisboa (imagem captada pelo autor, que agradece às entidades judiciais de Lisboa-Norte e de Vila Franca de Xira pela autorização e facilidades concedidas)

do Golfo Pérsico, concedendo o domínio efetivo das rotas terrestres da Índia ao Médio Oriente e à Europa, carimbando, assim, por mais de um século, o monopólio de Portugal no movimento do Mar Árábico; em 1507 o rei local teve que aceitar a prestação de vassalagem e o pagamento de tributos aos portugueses; iniciava-se a construção da fortaleza de Nossa Senhora da Vitória;

porém, o cansaço e a falta de condições, aliada à revolta de alguns capitães, obrigaram Afonso de Albuquerque a retirar-se; o vice-rei voltaria em 1515 com uma impressionante força naval, obrigando o rei local a ceder sem haver necessidade de fazer qualquer disparo; uma fortaleza monumental, agora renomeada Nossa Senhora da Conceição, foi finalmente construída.



a

b

c

d

a – Selo com a imagem de Afonso de Albuquerque, governador e II vice-rei da Índia Portuguesa (1509 – 1515), de 3 Rupias (AF. 361), papel liso e denteado 13 ½ x 13, para a emissão de 1938 'Império Colonial Português', idêntica para todas as Colónias Portuguesas; aqui, é apresentado como um guerreiro, com armadura, espada e escudo e as colunas laterais registam as suas principais conquistas; desenhado por Arnaldo Ressano Garcia, impressão a talhe doce na firma inglesa 'Bradbury...', que tantas notas estampou para o BdP

b – Do BF.1 'saiu' o selo com a imagem do 'Marte Português' de 1 Tanga (AF. 381) em papel porcelana, denteado 11 ½, de 1946, alusivo a 'Motivos Históricos'; foi desenhado por Aberto de Sousa e litografado na Litografia Nacional, Porto

c – Mais um selo com a imagem do 'Grande' estratega do Oriente de 9 Rs (AF. 442) em papel esmalte, denteado 11 ½ x 12, de 1956, comemorativo do 450º Aniversário da Fundação do Estado da Índia [Portuguesa] (1505 – 1955), litografado na Casa da Moeda, Lisboa

d – O selo da imagem ilustra e comemora o Centenário do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, em Goa (1854 - 1954), emitido em 1955, com o valor de 9 Tangas (AF. 438) em papel esmalte, denteado 13 ½, desenhado por José de Moura e impresso na Casa da Moeda, Lisboa

1566 os seus restos mortais foram trasladados para o convento de Nossa Senhora da Graça, em Lisboa, mas a serenidade do repouso final seria abalada com terramoto de 1755, que devastou fortemente o local... a sepultura com a reconstrução das ossadas do 'César do Oriente' deixou de ser corretamente identificada, ainda que por tradição se aponte terem sido levadas para o convento da Madre de Deus... a urna vazia em que possivelmente repousaram os seus 'restos osteológicos' em Goa foi recuperada e encontra-se atualmente no Museu da Sociedade Geografia de Lisboa; entretanto, foi criado um cenotáfio em homenagem a Afonso de Albuquerque, que pode ser observado no Panteão Nacional.

E para encerrar este capítulo, reproduzo tr3s das 10 estrofes (XL a XLIX) do Canto X

de 'Os Lusíadas' com que Luís de Camões através das suas ninfas canta os feitos do génio militar de Afonso de Albuquerque, qual 'Marte Português', o estratega genial que expandiu e organizou o Império Português do Oriente; partilho ainda dois poemas líricos, um de Fernando Pessoa, em Mensagem, que nele vê um desígnio espiritual e outro de Miguel Torga, nos Poemas Ibéricos', em que o autor de a 'Selva' aborda de maneira bem diversa esta figura notável, mas também controversa, da História da Expansão Marítima portuguesa, humanizando o mito e nele assinalando o aviso trágico desse mesmo império.

Camões canta as proezas militares de Afonso de Albuquerque nas conquistas estratégicas de Goa, Malaca e Ormuz, esta inicialmente em 1507, mas só em definitivo em em 1515



Anverso e verso da medalha em bronze da série vice-reis, alusiva ao governador e segundo vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque (1509 - 1515); apresenta um formato retangular vertical, medindo 6,2 cm x 8,7 cm; a medalha cunhada é da autoria do Mestre Escultor e Medalhista conimbricense Cabral Antunes (1916-1986), cujo nome a 'assina' no fundo do anverso; ainda no anverso observa-se a imagem majestática do governador/vice-rei, a inscrição '1º Governador da Índia' no topo em linha curva; no verso vê-se a gravação do seu nome, seguida do brasão, ladeado com a data 1509 e 1515 e uma descrição alusiva ao seu nascimento e morte (as imagens da medalha e a sua configuração qualitativa cedidas por cortesia do consagrado escultor João Duarte)

Canto X Estrofe XL

Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as setas estridentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a fé da Madre Igreja.

Canto X Estrofe XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo
Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustríssima de Goa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

Canto X Estrofe XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grémio da Aurora, onde naceste,

Opulenta Malaca nomeada,
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaio namorados, Jaus valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

Fernando Pessoa revela Afonso de Albuquerque como uma asa do Grifo simbólico do Império Português, retratando-o como uma figura monumental

'A Outra Asa do Grifo'

De pé, sobre os países conquistados
Desce os olhos cansados
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.
Não pensa em vida ou morte,
Tão poderoso que não quer o quanto
Pode, que o querer tanto
Calcara mais do que o submisso mundo
Sob o seu passo fundo.
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.
Criou-os como quem desdenha.

Miguel Torga aborda a condição humana, com as convicções, tristezas e controvérsias, des-
construindo o mito do herói triunfante, numa
exposição sentida de Afonso de Albuquerque
na sua derradeira carta a D. Manuel I

'Afonso de Albuquerque'

Quando esta escrevo a Vossa Alteza
Estou com um soluço que é sinal de morte.
Morro à vista de Goa, a fortaleza
Que deixo à Índia a defender-lhe a sorte.

Morro de mal com todos que servi,
Porque eu servi o rei e o povo todo.
Morro quase sem mancha, que não vi
Alma sem mancha à tona deste lodo.

De Oeste a Leste a Índia fica vossa;
De Oeste a Leste o vento da traição
Sopra com força para que não possa
O rei de Portugal tê-la na mão.

Em Deus e em mim o império tem raízes
Que nem um furacão pode arrancar...
Em Deus e em mim, que temos cicatrizes
Da mesma lança que nos fez lutar.

Em mais alguém, Senhor, em mais ninguém
O meu sonho cresceu e avassalou
A semente daninha que de além
A tua mão, Senhor, lhe semeou.

Por isso a Índia há de acabar em fumo
Nesses doiros paços de Lisboa;
Por isso a pátria há de perder o rumo
Das muralhas de Goa.

Por isso o Nilo há de correr no Egito
E Meca há de guardar o muçulmano
Corpo dum moiro que gerou meu grito
De cristão lusitano.

Por isso melhor é que chegue a hora
E outra vida comece neste fim...
Do que fiz não cuido agora:
A Índia inteira falará por mim.

Os Cognomes de Afonso de Albuquerque

'César do Oriente', 'Grande', 'Leão dos Mares', 'Marte Português' e 'Terribil', são comumente aceites como os cinco cognomes que ao tempo identificavam a figura ímpar de Afonso de Albuquerque, seja pela sua liderança e estratégia militar surpreendente, seja pela crueldade táctica que por vezes empregou ou pela sua qualidade política.

O César do Oriente – pela sua capacidade estratégica na construção e organização sustentável de um Império português dominador do Oriente durante vários séculos, numa analogia a Júlio César e a Roma

O Grande – pela sua genialidade militar e qualidade política

O Leão dos Mares – pelo domínio total e poderoso no Índico, destruindo armadas inteiras que desafiavam a autoridade portuguesa e 'aniquilando' as embarcações mercantes muçulmanas que ousassem furar o monopólio comercial do reino

O Marte Português – numa alusão ao deus romano da guerra, Marte, pelo seu talento estratégico vitorioso, fé em contenda e competência de conquista com forças muitas vezes menores em número de homens e de navios.

O Terribil – como o epíteto indica, pelo terror que provocava aos seus inimigos, usando uma violência psicológica sumária e impiedosa na sua estratégia de guerra.



Obverso e verso de exemplar da nota de 1919 'AC 08976' com o primeiro par de assinaturas desta chapa liderada pelo Governador Inocêncio Camacho Rodrigues com o Director Henrique Matheus dos Santos, mais o obverso de exemplar de 1920 (Tipo II) '1GS 06,507', que apresenta o último par de assinaturas desta mesma chapa 1 de 10 Escudos formado pela chancela do Governador Inocêncio Camacho Rodrigues com a do Director António José Pereira Júnior

**RENOVE A ASSINATURA
DA REVISTA MOEDA
CONTINUE CONNOSCO**



Obverso de um exemplar de nota de 1919 com série de uma letra 'T 17410' e com o par de assinaturas liderado pelo Governador Inocêncio Camacho Rodrigues complementada pela do Director Duarte Augusto de Abranches Bizarro

Outras Notas (BdP e BNU) com a figura de Afonso de Albuquerque

Para lá da nota que dá o mote ao artigo, a representação de Afonso de Albuquerque manifesta-se noutras notas do Banco de Portugal (BdP) [2500 Reiss] para o Continente e para os Açores, datadas ainda no período monárquico com denominação 'Real' [1000 Reiss equivaliam na nova unidade monetária da República a Um Escudo, pelo que 2500 Reiss correspondia ao valor de 2\$50]; as notas que se encontravam em stock foram resgatadas para suprir a falta de moeda metálica em tempo de 'Primeira Grande Guerra' e assim alimentar o abastecimento do mercado com valores pequenos, após terem sido sobrecarregadas com a palavra 'REPÚBLICA' na coroa real.

Além destas emissões do BdP, o 'Leão dos Mares' também encontra registo fiduciário e memória perenal em notas do Banco Nacional Ultramarino (BNU) para circulação no Estado da Índia Portuguesa; reporto-me à segunda e última emissão da República com denominação 'Rupia' e à primeira emissão com a nova unidade monetária 'Escudo'.

A título de curiosidade sinaliza-se que ao contrário da 'norma' confirmada nas emissões das colónias africanas, as do Orien-

te (Índia Portuguesa, Macau e Timor) não emitiram notas com a figura de Fernando de Oliveira Chamiço (1819 – 1899), conhecidas simplesmente como as 'Chamiço', um portuense empreendedor, que entre muitas realizações fundou o BNU (e o emblemático Palácio de Cristal); personalidade que ao tempo melhor entendeu a importância das colónias portuguesas e por elas se empenhou.

E é sobre estas 'outras emissões' em honra do poderoso 'Afonso de Albuquerque' que farei uma 'breve' abordagem.

1 - 2500 Reiss 1909x2 + 1910 + 1919 (Emissão Geral)

O primeiro registo assenta na nota da chapa 4 de 2500 Reiss (emissão geral) para circular em Portugal Continental. Foi a primeira nota de valor pequeno emitida pelo BdP em período da Primeira Guerra Mundial. As dimensões das notas desta chapa 4 (incluindo as respetivas margens) registam como medidas padrão 125 x 81 mm; a mancha da gravura do obverso mede 117 x 73 mm; cumpre registar que o fabricante do papel para as notas desta chapa 4 foi a firma francesa *Société Anonyme des Papiers du Marais et de Sainte-Marie*.

No obverso, é visível na mancha, à direita, um retrato de Afonso de Albuquerque com a sua extensa barba branca e no verso, à esquerda uma figura com um capacete; a marca de água ilustra, à esquerda, em contra-luz dois bustos, um claro e outro escuro, perfilados para a direita, simbolizando a Europa e a África; ao fundo, numa só linha, também se divisa a legenda 'Banco de Portugal'.

O total da emissão gerou 11 milhões 880 mil exemplares, repartidos pelas quatro datas inscritas no seu obverso [20 de junho de 1909, 30 de julho de 1909, 30 de setembro de 1910 e 27 de junho de 1919]; a primeira emissão aconteceu a 1 de março de 1916 e a última em 28 de maio de 1920; foram retiradas de circulação em 25 de maio de 1928.

No total contam-se 10 pares distintos de

de janeiro de 1959, tendo a primeira e única emissão 1 milhão e 200 mil exemplares ocorrido em junho de 1959; a retirada de circulação abrupta aconteceu em 1961, em consequência da invasão e recuperação dos territórios da Índia Portuguesa pelo Estado da União Indiana, que Portugal só viria a reconhecer a perda de Goa, Damão e Diu após a revolução de 1974.

As notas de 60 escudos foram impressas no obverso em cinzento-escuro com fundo



O retrato de Afonso de Albuquerque povoa outras notas do BdP; a nota aqui ilustrada é uma de várias datas que exemplifica isso mesmo; trata-se do exemplar de 2500 Reis, chapa 4, da emissão geral, com sobrecarga 'REPUBLICA', 'AET 17173' datada de 30 de setembro de 1910, assinada pelo Governador José Adolfo de Mello e Sousa e pelo Director João de Oliveira Bastos; a outra imagem ilumina a sua Marca de Água com a particularidade de apresentar dois bustos perfilados para a direita, um claro e outro escuro, simbolizando a Europa e a África

Imagem tripla com exemplares das emissões de Moeda Insulana para os Açores, 'primas' da emissão geral do Continente... exemplo de obverso de uma nota de 2500 Reis, chapa 1, data de 30 de junho de 1909, com as duas sobrecargas 'AÇORES' e quatro idênticas, no verso, mais um exemplar ilustrando ambas as faces de um SPECIMEN, a picotado, [Espécime do BdP] B00000, da mesma chapa e data com a conhecida sobrecarga 'extra', a vermelho, 'AÇORES', entre duas linhas paralelas, no ângulo superior direito do obverso; (a fonte desta 'imagem tripla' tem origem na que integra o Livro 'O PAPEL-MOEDA EM PORTUGAL', Volume II (1997), Edição e Distribuição do Banco de Portugal)

rosa e verde; por sua vez, o verso da nota apresenta tonalidade cinzento-escuro com o fundo a cinzento e rosa.

Para lá da imagem de Afonso de Albuquerque, já referida, o obverso da nota mostra na mancha central de cima para baixo as seguintes inscrições: bem no topo, a legenda 'BANCO NACIONAL ULTRAMARINO', ladeada à esquerda e à direita pela designação do valor facial da nota em algarismos árabes; segue-se 'ÍNDIA PORTUGUESA' e à sua esquerda, em letras miúdas, 'DECRETO - LEI Nº 39221'; depois, surge o valor facial da nota por extenso e num degrau abaixo, a tradução do valor em quatro idiomas locais: hindu, guzerate, maratá e cuncanim ou canarim; a seguir, regista-se a data da nota (Lisboa, 2 de janeiro de 1959) e logo abaixo, nesse centro da nota, à direita, a designação do Governador e a do Administrador, à esquerda, por baixo das quais estão impressas as suas assinaturas por chancela, respetivamente Francisco José Vieira Machado (1949 - 1972) e Luís Pereira Coutinho (1951 - 1974). Ainda por baixo das assinaturas, bem ao centro, junto à margem inferior, apresenta-se o Escudo Nacional ladeado por uma 'coroa' de folhas.

A numeração da nota [515992] pode ver-se no canto superior direito e inferior esquerdo e, num pequeno retângulo, encontra-se a indicação do valor da nota em algarismos árabes '60', em cada canto da mancha da nota.

No verso, uma gravura ocupa quase todo o espaço útil da mancha da nota com uma representação alegórica honrando mais uma vez a glória marítima portuguesa; o 'capitão', de costas, contempla a armada com as velas brandindo a Cruz de Cristo; no topo assenta a legenda 'Banco Nacional Ultramarino', em maiúsculas e ligeiramente abaixo, no limite da mancha, à esquerda, implanta-se o selo da marca BNU, renovado, já com o veleiro em substituição do vapor, além de outras alterações no texto envolvente; completa o espaço, junto ao ângulo inferior esquerdo, o valor da nota em

algarismos árabes.

À direita, por baixo da oval da marca de água, o valor da nota reproduz-se, por extenso, em letras maiúsculas; finalmente, na margem inferior o nome da firma stampadora londrina em letras de corpo pequeno estende-se bem centrado.



Dois pares de imagens, UM com dois obversos e OUTRO com dois versos de notas do BNU para a Índia Portuguesa nos faciais de 5 Rupias de 1945 e de 60 Escudos de 1959, com os números 1,104,174 e 515992, respetivamente; exemplares que integravam a última emissão/série de notas na denominação 'RUPIA' e a primeira e única de valor monetário em 'ESCUDO', como foi descrito no texto